

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

Excursão pela Sorocabana e Itana, Noroeste e pelo Paraná

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha embarcou no dia 1 do corrente para percorrer as localidades servidas pelas estradas Sorocabana e Itana, Noroeste e o Estado do Paraná.

São as seguintes as localidades que deverão ser visitadas em primeiro lugar:

Tatui, Itapetininga, Faxina e Itararé, na linha Sorocabana, entrando a seguir no Paraná.

Na forma do costume, e hoje com muito mais razão, somos forçados a dirigir um apelo aos assinantes da Lanterna residentes nas localidades a serem visitadas para que correspondam aos esforços do nosso companheiro.

Sabemos perfeitamente que o momento é de dificuldades gerais, mas, salvo os casos de impossi-

bilidade forçada, com um pouco de esforço todos poderão contribuir com a importância de sua assinatura, que, afinal, não chega ao preço de uma missa de segunda ordem...

Na última viagem feita, não poucas pessoas aconselharam o nosso companheiro a que adiasse a cobrança para outra ocasião, esquecendo-se de que aqui já temos dito um centenar de vezes e que ninguém desconhece, isto é, que a Lanterna vive exclusivamente da contribuição dos seus assinantes. Não conta, ela fielmente e honrosamente, com as subvenções de quem necessita da compiacência da imprensa, não tem a renda de anúncios e não recebe auxílio de agremiação alguma. Unicamente das assinaturas vive ela. Com dificuldades incontáveis, mas assim é — e oxalá assim possa continuar a ser. Julgamos ter deixado bem esclarecida a situação. Os amigos do jornal das zonas mencionadas que procedam agora como é preciso.

AMANHÃ

Continuamos impetuosamente a dominar a Velha Europa e a vendá-la à destruição. Os homens, obceados pelos preconceitos e prejuízos acumulados pela lenta dos tempos remotos da religião, embugalhados pelos manifestos inflamados do patriotismo idiotas dos sangüinários abortos da natureza sedentos de glória, arremessaram para longe os ridículos, simbólicos da civilização burguesa e mostraram-se tal qual são — miseráveis brutos imbuídos de erros dos séculos malditos.

Só hoje pôde sair à luz esta terrível verdade; a decadente civilização do Velho Mundo era uma quimera.

Os homens de ideias elevadas, contudo, já previam o sangrento fim das ridículas instituições e dos velhos prejuízos da burguesia e de outras classes que, por vergonha do pensamento humano, calcavam nos pés os sagrados direitos da justiça e da igualdade humana.

No entanto, quem paga o erro da anacronizada burguesia e do militarismo aborrecido e o proletariado, conservado acietosamente ignorante e como tal incapaz de compreender que é vítima dos erros da incapacidade da bestializada classe dos argonautas. É ele que acumula o ouro para aqueles que conservam como reliquia os fatores da sua impotência e da sua destruição. É ele que, chamado mais tarde pelos seus exploradores, vai servir de pasto à Hecatombe.

É esta, infelizmente, a expressão dos fatos que se observam na Velha Europa.

Comprovada como está, pois, a prejudicialidade das velhas e absurdas instituições que dominam toda a Europa e quicá todo o mundo, desejamos para elas as tetricas palavras do fétido de Babilônia.

Esperemos que a realidade assombrosa da guerra actual seja o novo mór de novas e sãs instituições. Orla seja a sangrenta luta o sinal do prelúdio das liberdades sonhadas pelos cerebros daqueles que compreendem o verdadeiro destino da humanidade.

Não osamos crer que, passado este período de insanía, a humanidade caia no estacionamento da Idade Média, porquanto já se libertou em parte da religião e, compreendendo os seus erros, libertar-se-á em breve do militarismo e da burguesia. Desejamos para uma época não remota uma Terra livre de Deus e livre de degenerados fatos aparentemente humanos.

O ser humano, verdadeiramente humano, dirigido por ideias elevadas, compreendendo o verdadeiro sentido da justiça, dominado pela razão, elevará filhos da glória aos

seus hemeliores e anatematizará Napoleão, Alexandre e inúmeros outros sanguinários hoje glorificados porque se banharam no sangue de milhares de compatriotas inocentes.

As classes improdutivas verão, medrosas, chegar o seu fim, pois não tem direito à vida aqueles que não trabalham.

A sociedade da terra não terá como espantoso a religião, que explora a ignorância dos espíritos trancos e o medo dos covardes. Digna e regenerada não será mais uma sentença de depravação e luxúria sob o manto da moral austera, mas um fardo de costumes sãos.

Neste momento de desespero da Velha Europa, a Igreja, hoje desorganizada e faminta, procura nos campos de batalha, como a hiena ao cair da noite, o poder que perdeu. A miserável espera voltar à vida explorando com oportunidade a insanía dos homens tornadas bestializadas que se exterminam por um ideal desconhecido ou por uma causa asquerosa. O seu resurgimento será, porém, breve, será aquele fatal momento de vida na agonia de um corpo imprevisto. Ela não resurgirá, o seu momento fatal aproxima-se.

Quando ela morrer Deus terá passado para o domínio da história lendária da humanidade; a sua torrencialidade estranha não mais levará o terror ao cérebro dos homens, pois, por estes será despenhado no abismo do esquecimento. Ele passou pela humanidade como o gênio da destruição — o que não conseguiu aniquilar, abalou. Quando dominado por ele o homem permaneceu no marasmo das coisas mortas.

O papa, símbolo magno dos séculos de superstição, exploração e fanatismo, verá com assombro a multidão, saído de seus direitos abster a entrada do Vaticano e de lá extrair tudo aquilo que com singular cinismo foi-lhe arrebatado nos milênios passados de injustiça. Como a humanidade de então será a e como é e não quem trabalha, tanto ele é as suas legiões de assalados não de sentir também o peso duma enchida mão de trabalhar!

Os templos servirão para gloriosos fins e não conterão mais no seu interior os símbolos da ignorância e da imbecilidade humanas. Cada templo, tornado escola, será um lar onde a sociedade, não mais alienígena pela vingança baixa de um Deus saguário, se banhará na luz da Verdade.

O homem só será verdadeiramente digno e só quando tiver por Deus — a Ciência, por culto o Trabalho e por templo — a Escola.

Esperemos, pois, que o estado anormal em que estamos seja o sinal do prelúdio do domínio da Realidade e do amor aos ideais elevados.

Urucá.



O DESARMAMENTO GERAL

LISBOA, 8 DE NOVEMBRO.

Toma incremento, na Inglaterra, o movimento em favor do desarmamento geral, a impor-se como cláusula na conclusão da paz. A ele se associam francamente ministros e oficiais do exército, incluindo alguns do quartel geral de French. Devemos confiar na sinceridade e na praticabilidade desse esforço?

O argumento mais sólido e positivo dos que nutrem esperança na vida da desce movimento de opialdo sancionado por um governo funda-se no supremo interesse da insular Grã-Bretanha em destruir ou anular o militarismo no continente europeu.

Gracias às suas especiais condições geográficas e históricas, a Inglaterra nunca necessitou nem conseguiu instalar em casa um poderoso exército permanente; nem parece que possa agora mudar de caminho, apesar da outra corrente de opinião que, aproveitando as circunstâncias actuais, procura convencer o país das vantagens e necessidade do serviço militar obrigatório.

Demais, se possuísse esse grande exército, não o poderia manejar facilmente como arma ofensiva contra uma potência continental. Sempre que o Estado britânico precisou de aniquilar a ameaça dum imperialismo continental, o poder dum concorrente perigoso, teve que se socorrer dum aliado, servindo-se dos seus soldados ou dos seus portos de desembarque.

Compreende-se, pois, o companheiro póvo pela Inglaterra em reclamar o desarmamento geral: é um tanto a história da raposa; que, desprovida de cauda, pretendia induzir as suas congêneres a cortarem o respectivo apêndice.

A empresa, porém, não parece das mais fáceis, ainda mesmo que a Inglaterra se juntassem os seus dois aliados. Muito provavelmente, fracassaria a imposição, como fracassou a que Napoleão fez à Prússia.

Sinceramente ou com velharia, o que os estadistas e militares ingleses procuram é doirar o horror naturalmente inspirado pelas carnicíficas internacionais e entusiasmar pela luta um povo que não conhece a servidão militar forçada. Se a horrível configuração puder ser apresentada como a derradeira, se lhe for dado como alvo sublime o desarmamento geral, se desaparecer sob tam luminosas aparências a mesquinha e feroz luta de interesses capitalistas e estatistas, os combatentes surgirão numerosos e ardentes e o povo suportará com santa resignação a dolorosíssima prova.

Poderá, pois, o proletariado esperar o desarmamento? Em regime capitalista e estatal, esse desarmamento, se não é um vão devanilo pronto e acabado, toca as trais utopias. Desistamos, pois, os interesses que, na actual sociedade, se prendem ferozmente à guerra e à paz armada: a fiança, a grossa indústria metalúrgica, o comércio grande e pequeno dos fornecedores de tropas e munições, o militarismo profissional, etc., tudo isso pesa fortitudo na balança. E como, em sistema capitalista —

de-patronato e salarista, ninguém trata de produzir utilidades, mas apenas de ganhar-se para por alguns vinténs para subsistir, o próprio proletariado se acha interessado nas vantagens de paz armada. Se ele não temesse a desocupação, temeria a guerra, a perturbação e as revoltas que causaria. Nem, sob o ponto de vista social revolucionário, o lucro seria total, pois que os Estados, em vez dos grandes exércitos de soldados à força, reforçariam, para o serviço de coacção interna, as suas guardas e gendarmarias de homens escudados e predispostos.

O militarismo e o imperialismo são frutos do vigente sistema de produção, e a revolução que pretenda suprimi-los tem de suprimir o regime burguês e os Estados.

O que não impede de registrar as promessas dos governantes e de combater, com todos os males do Capitalismo, o avanço do militarismo e do espírito militar.

Nene Vaca

"A LANTERNA"

Infelizmente, ainda neste numero fomos forçados a repetir a mesma desagradável notícia, já por duas vezes publicada, comunicando aos nossos leitores o que eles sabem: a Lanterna ainda na semana passada não pôde sair.

Aos motivos já conhecidos — a falta e o exorbitante custo do papel — devemos também juntar, além da morosidade dos empregados para verificar nos pagamentos das assinaturas, e a dificuldade na impressão da folha, pois fechou-se a tipografia onde até agora a fazíamos.

Entretanto, com a promessa de reencontrarmos dentro em pouco a publicação regular da folha, damos aos nossos amigos a primeira notícia de um plano de ampliação da nossa obra, que de há algum tempo vinham concebendo, e para cuja execução serão aproveitados os elementos da actual empresa da Lanterna e da iniciativa da publicação da sua edição diária, editada pelas enormes dificuldades do momento, e os de muitas outras companhias da propaganda que, certamente, se dispõem com entusiasmo a trabalhar para melhor proveito do esforço tido comum.

OS CORVOS CLERICAIS

Os corvos clericais continuam em França a aproveitar a triste guerra para reconquistar o terreno perdido — a "sombra da famosa reconciliação nacional".

Nos hospitais da Cruz Vermelha, as "filhas de França" distribuem a todos os feridos cruces, veneras, escapularios, rosários e outros feitiços, que servirão quando muito, como diz La Bataille Syndicaliste, para entreter antropóides reunidos à sombra dum coqueiro. Até os dífios aos argelinos e aos pretos senegaleses, que se enfiavam regaladamente, com esses berloques; um jornalista viu um deles com um punhado de bonitas medalhas, suspensas do botão... das calças!

É claro que não é concedida a mesma liberdade de propaganda às outras religiões e aos livres pensadores, e a imprensa clerical faria grande algazarra

se, por exemplo, fossem distribuídos folhetos anti-religiosos. Mas há pior. Em alguns hospitais, como o do Liceu, em Marselha, era imposta aos feridos a obrigação de ouvir missas e as frequentes rezas, escutadas de joelhos. O mesmo no hospital de Avinhão e em outros. Exercia-se pressão sobre todos, sob pena de represalias velhacas. Os que, embora validos, se livravam dos campos de batalha, graças à protecção clerical, arranjando a escapatoria dos serviços hospitalares, mostram uma grande actividade proselitica.

Em vista das reclamações e protestos, o governo proibiu as cerimoniaes cultuais nos hospitais; mas os clericais não desanimaram por isso. Eis o que um soldado escreve de Mâns a La Bataille Syndicaliste:

"... Eu julgava que era para defender as nossas liberdades que expunhamos a pele às balas. Vejo que é um logro. Após a última circular que suprimia as medalhas e as missas nos hospitais, pensava eu que ficaríamos livres de todos esses velhos acordos."

Nos primeiros dias da minha estada no hospital temporário n.º 30 (em fins de setembro), fizeram-nos uma ampla distribuição de medalhas. No domingo, era preciso ir a missa. No refectório, pediam-nos que fizessemos o nosso dever de bom cristão, isto é, que nos confessássemos e comunhassemos. Tudo isso foi suprimido, e acabou-se."

Mas prossegue cada vez mais activamente a aliação para mandar feridos a missa da igreja mais próxima.

Aos sábados, a irmã (pois não temos como enfermeiros padres e irmãs da caridade) passa com uma lista, perguntando a todos os que podem andar se vão à missa. Muitos respondem que sim, ao menos para darem um passeio pela cidade. Mas na manhã seguinte a irmã retém os seus doentes para que saiam todos juntos, debaixo de forma, a fim de evitar que lhe faja algum."

Escusado será — não é? — perguntar a sorte reservada a quem não andar a contento da irmã de caridade."

Os padres e madres tratam de aproveitar bem o doloroso momento para reconquistar as almas e com elas os corpos e as bolsas, a influencia, o poder e a riqueza.

Veremos, porém, se os elementos avançados dos perturbados ou não das suas jesuiticas e nos seus ambiciosos projectos. No governo, apesar das circulares recomendando neutralidade, é que os livres pensadores não podem confiar. Nem nas autoridades militares e naquella cantiga da "reconciliação nacional" — em favor dos padres.

Mais uma fornada de "cavadores" da Igreja

Provavelmente os chefes dessa grande empresa internacional de exploração do pobrez da escuridão acha pequeno o numero dos seus caixeiros-viajantes, pois acaba de deitar cá para fóra mais uma fornada deles:

"ROMA, 29. — Na capela do Colegio Pio Latino-Americano, o cardeal Pompili ordenou, hoje, sessenta padres, entre os quais se acham os brasileiros Celso do Bonfante, Oliveira Vasconcelos, Jarvas, Costa Rega, Camargo Soares, Loschi, Maura e Rigatti; os argentinos Martinez, Isoldi, Guillaud e Molas; os chilenos Ramirez, Escudero."

Tratemos de nos abotoar, de nos abotoar seguramente, que um novo perigo ameaça a integridade dos nossos bolsos.

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito difficil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na sede da Liga Anticlerical, á rua do Arco, 36, onde todos os noites, das 19 ás 22 horas, encontraremos o nosso representante Maximiliano de Macedo.

O DEUS NACIONAL

O kaiser não cessa um momento de invocar o seu deus guerreiro e de lhe attribuir as façanhas do "seu" exercito. Quando Antuerpi foi occupada, não se esqueceu do estribillo favorito. «Deus seja louvado por este esplendido triumpho», telegraphou ele á grã-duquesa Luiza de Baden. E por todos os cantos se vê o santo nome do Senhor... Por toda a Alemanha foi afixado um cruz representando uma grande de 4to em tamanho natural, com esta legenda: «Com Deus pelo Rei e pela Patria». A famosa granada vai com Deus cumprir a sua missão de destruição e de morte.

A este proposito, o *Corriere della Sera* faz as seguintes justas observações:

«O kaiser imagina o Deus de S. Francisco de Assis como um desses deuses da mitologia grega que desciam aos campos de batalha para proteger o ardiloso Ulisses.

Pior ainda: Aquella alma medieval de soberano revela uma concepção judaica da divindade. O Deus de Guilherme (com isso hão de tolgar os banqueiros de Berlim) é exactamente o Deus de Israel, o Jeová do povo eleito, o Deus que não sai das fronteiras do reino de Salomão. Guilherme II é tudo quanto se pode conceber de mais puro estilo «Antigo Testamento»."

FRANCISCO FERRER

E A SUA OBRA

(Discurso lido na comemoração de 13 de outubro)

III

Certos todos os elementos retrogrados de que Ferrer mais facilmente quebriera de que torceria, e convencidos de que ele era um elemento de valor que com o tempo lhes prejudicaria as tendas, resolveram perdê-lo. Já quando foi do caso Moral tentaram envolvê-lo, implicá-lo no caso só porque Moral era secretario da Escola Moderna. Conservaram-no preso quasi um ano e foi arrancado das envolturas católicas da Espanha devido á agitação internacional feita em seu favor. Mas as hienas e as panteras vendo que a presa se lhe escapou certa vez, não desanimaram, certas de que atraz de tempo, tempo vem, e trataram de ir apanhando as garras e preparando os dentes. Surgiu a semana sangrenta e Ferrer foi a vítima, não a única, mas a mais conhecida e talvez a mais precisa ao progresso do povo. Ferrer estava condenado para maior gloria de Deus e se não fosse daquela vez iria noutra, pois que a seita negra não perdia os espiritos livres a independência do seu espirito e do seu caracter.

Porque, senhores, convem frisar o seguinte: nesta sociedade em que vivemos, quem pender levar uma vida coerente, isto é, praticar precisamente o que prega, executar a tudo mesmo que pensa, esse alguém pode contar inevitavelmente com o odio e os ataques de todos aqueles que tem interesse em manter esta sociedade que outra coisa não produz senão aleijões morais, mantendo uma educação tendente a fazer dos individuos manequins que defendam a patria e se deixem matar pela defesa duns direitos que nunca possuiram, se precipitem apocalipticamente sobre os individuos doutras patrias e se despedaçem

mutuamente para gaudir dos grandes banquetes e dos acionistas dos estaleiros navais e grandes fabricas de espingardas e canhões.

E se não tivéssemos toda a história e edificarmos desta verdade, a guerra que se fere actualmente além oceano, essa conflagração europeia que neste momento ceifa dezenas e centenas de milhares de vidas dos nossos irmãos europeus, é suficientemente gigante e pavorosa para ninguém duvidar das afirmações feitas.

E para prova de que a instrução dada pelos diversos sistemas de governos é com o fim único de os manterem de pé, pois é uma lei que todos os organismos quaisquer são dominados pela lei da conservação e revolucionários na véspera, tornam-se conservadores e mesmo até reacionários no dia seguinte, si temos o exemplo da Alemanha. Os amigos daquela nação ensurdecem-nos os ouvidos gritando-nos que é o modelo das nações, pois o analfabetismo na Alemanha existe numa proporção insignificanteíssima, poder-se-ia dizer até: parecer um fenómeno encontrar-se um pessoa que não saiba ler.

Mas soçeguem: essa afirmação não nos reduz ao mutismo. O que é que prova uma afirmação dessas? Única e simplesmente que o saber não é o suficiente para os indivíduos se sabermos conduzir e que a pessoa armada do utensílio da leitura tanto o pode empregar no bem como no mal.

Para que serviu toda a instrução na Alemanha? Para desenvolver, aperfeiçoar, progredir e multiplicar os armamentos, os petrechos bellicos, desenvolver o espirito da disciplina, militarizar por assim dizer a vida social, preparar e provocar a morte. E porque? Porque os dirigentes alemães tiveram o cuidado de, desde a escola, inculcar, cultivar e manter a admiração pela guerra, a aversão pelo estrangeiro, enfim preparando a mentalidade das massas para um dia se desencadear contra o mundo como estamos vendo. E isto para mim convence-me de que é preferível encontrar-me em frente dum homem analfabeto mas bem intencionado, de ideias pacíficas do que diante dum sábio com ideias bellicas. Porque o sábio ao serviço das más causas é duplamente prejudicial.

Pois bem, concluam, era isto que Ferrer não queria. Ele queria a par da leitura, o raciocínio, a observação, o espírito crítico, a experimentação. Queriam indivíduos que não se submetessem a uma disciplina de ferro, de olhos fechados, sem conhecimento de causa.

Mas ouçamos Ferrer que as suas palavras são conclusões: «Se a classe trabalhadora se livrasse do prejuizo religioso e conservasse o da propriedade tal como hoje existe: se os operários acreditassem certa a profecia que afirma que sempre haverá pobres e ricos; se o ensino racionalista se limitasse a difundir conhecimentos higienicos e scientificos e preparasse só bons aprendizes, bons caixeiros, bons empregados e bons trabalhadores de todos os officios, poderíamos muito bem viver entre aetis mais ou menos sãos e robustos, segundo o escasso alimento que costumam permitir os mínguados salarios, mas não deixaríamos de continuar a ser escravos do capital.»

Querem a cousa mais clara? Ferrer queria fazer, e fez enquanto viveu, obra essencialmente racional e libertadora, visando a saúde do corpo e a elevação do espirito.

Mas como estava em opposição a todas as ideias correntes, seus inimigos não lhe perdoaram o gesto, acostumados a verem os indivíduos, mal se pilham com algum dinheiro, a esquecerem-se da sua humilde situação da véspera e procurar galgar as culminancias do poder fazendo-se deputados e prodigalizando nos bordes de alto bordo a fortuna, satisfazendo-se com serem adulados pelos parvos e pelos tolos.

Ferrer não foi destes e por isso o mataram. Mas ele vive nos seus principios, com os seus projectos e se queremos vingar a sua morte, se queremos ve-

nerar e honrar a sua memoria, estudemos a sua obra, adotemos os seus metodos, propaguemos as suas theorias, dedicando-nos de alma e coração ao desenvolvimento da Escola Racional.

Adelino de Pinho.

UMA FALENCIA

Não se imagina quanto, nos tempos de guerra que vão correndo, essa gente se tem ocupado desse diabo do deus do céu! Cada declaração de guerra, alemã, austriaca, russa, inglesa, invocou o seu deus, o deus dos exercitos, sim do santifcado do antemão o assassinio do proximo. Padres francezes e pastores tedescos rezam generosamente para que os exercitos e a morte atinja o campo inimigo. E é de carabina em punho que se incitam os homens a peleja, berrando: «Amal-vos uns aos outros!»

Nunca a humanidade assistiu a tamanha faleria! Após vinte seculos de cristianismo, nota-se que não ha um deus unico, que os cristãos não são de modo algum monoteistas, que não ha entre eles unidade moral alguma, mas que possuem tantos deuses quantos são os odios de rapa e os odios de campanário. Ora é precisamente este o momento escolhido para trabalhar numa recondescência religiosa. Os cristãos são a verdade gente descarada; tem uma falta de pudor pavorosa. Quando deviam humilamente fazer acto de contrição, confessando quanto mentem a sua fé, quanto ridículamente verbosa é a sua filosofia, mostram arrojados, multiplicam as preces publicas, exaltam a sua creença, levantam olhos ao céu e fazem collectas para as suas igrejas. É impossível presenciar espectáculo mais hipocrita e portanto mais ascoso. E se o povo tivesse uma sombra de espirito critico, estaria para sempre liquidado da essa religião que diz ao mesmo tempo: «Não matarás» (Deut. V) e «Sede submissos a qualquer autoridade humana, por amor do Senhor, quer seja a do rei, quer a dos magistrados, dela investidos para punir os maus» (I Pedro, II, 13 e 14).

O cristianismo prohibiu aos seus adeptos as violencias contra o proximo. Pois é esse mesmo cristianismo que os adventistas e os seculares acabam de invocar, por meio do versiculo do Pedro, para justificar a sua marcha para a matança. Mais uma vez: atroz hipocrisia!

Não ha duvida: os que nos vemos declarar que a religião é a salvaguarda da moral ou tem bom estomago ou possuem uma dose imensa de estupidez. Mau dilema, sob todos os aspectos.

João Wintsch.

NO PAIZ DOS FRADES DE JOSE RIZAL

Um volume de 134 paginas \$600

Pequenos écos

Nascimento — O nosso bom companheiro Hermenegildo Denton, residente em Itana, communicou-nos ter a sua familia aumentada de mais um pequerucho, nascido em 13 do mez findo e ao qual foi dado o nome glorioso de Jordano Bruno.

Seu nosos ardentes votos que o pequeno Bruno, seguindo o exemplo do grande martyr de quem tem o nome, atravesse a vida, em companhia do seu irmãozinho Ferrer, a pregar e a praticar os grandes principios de regeneração da humanidade.

«L'Homme et la Terre» — Um companheiro que necessita urgentemente de certa quantia, oferece esta preciosa obra, em francez, de Eliseo Reclus — 6 volumes, magnificamente illustrados e encadernados, cujo valor é de 149.000 — pela importância de 9.000.

Quem desajar adquiri-la dirija-se ao seguinte endereço: Raul Boucheron (do cuidado de Guerinio Polio), rua Padre Vieira, 35-A, Campinas.

Centro Jahuense de Cultura Artística — Com esta denominação, foi fundada e já se acha instalado em Jahu, neste Estado, um centro cujo fim levantado está indicado no seu titulo.

Todas as prosperidades com fartos resultados em favor da cultura racional do povo — são os nossos augurios a nova e útil agremiação de Jahu.

Escola Moderna de S. Paulo

Uma interessante festa campestre

Realiza-se no dia 13 do corrente, domingo, ás 9 horas, em aprazivel local situado na Penha, um interessante festival escolar, em que tomarão parte os professores e os alunos das duas escolas mantidas nesta capital pela Escola Moderna de S. Paulo.

Diferentemente das que se tem realizado nas sedes das escolas n.º 1 e n.º 2, a festa anunciada para o dia 13, decerto, terá um atractivo especial, em realce atrahido, dada as favoraveis condições em que as crianças se vão achar no local destinado, que é um parque bello e espaçoso, cheio de sombras e de encantos, onde a natureza faz vibrar uma nota de saudade alegre.

O obtimento do local, que é verdadeiramente bello, deve-se a gentileza do sr. Bento do Amaral, proprietario do Condiaria Ed. Chaves, que para a realização da festa da Escola Moderna ofereceu o parque situado naquele bairro, á rua Prudente de Moraes, 24.

Para assistirem ao tão convidativo, desde já, os pais dos respectivos alunos e as pessoas interessadas pela causa da instrução e educação segundo o metodo racionalista, que poderá dirigir-se á Penha, de bondade no dia e hora indicados, assim de tomar em parte na festa, levando cada um seu lanche, porque a mesma constará, também, de piquenique, além da conferencia ao ar livre por um dos professores, cantos e recitativos pelos alunos.

VIDA DESPEDIDA...

Há de haver dois anos, encontrei a Joanninha ao pé da ponte, encontrando a estrada marginada de lodos. Uma pequena viração refrescava a tarde. A direita, no cimo do outeiro, o moineiro agitava alegremente as asas.

— Mas tardes, Joanninha.

— Boas tardes.

A voz chorosa? Mirei-a de olhos amidos e vermelhos. Que magoa alcançaria o coração moço desta rapariga? Temia ser indiscreto, e no entanto não pude abster-me de arriscar uma pergunta cheia de interesse.

— Está triste?

— Pudei!...

Pudei! Que dei-me silencioso e perturbado, não querendo forçar-lhe a confidencia; mas, animada talvez pela minha discrição compadecida, ella propria iniciou um espontaneo deslargo.

— Então não sabe? O João lá se foi, na expedição...

Qual João? Aquele moçoito rijo e satisfeito que eu vir d'agora quando ella na ultima festa do lugar? Era esse. Depois de uma temporada de caserna, o rapaz preparava-se para o casorio, quando veio uma ordem para ele voltar pra tropa e marchar para as colonias. Dissem que lá ha haver uma grande guerra...

E a Joanninha limpava os olhos, soluçava.

Procurei aquieta-la: o João havia de tornar, não e escoreito; e a ventura de ambos teria apenas sofrido uma ligeira interrupção, á luz de pesadão que dura só uma noite e logo ao raiar da madrugada.

Não sei se a consoli. Eu é que fiquei com o suave passeio arruinado. Parecia-me ter cessado a brisa; e lá em cima as asas do moineiro, mais vagarosas e tristes, lembravam antes um lenço no mole estrebuchar dum adeus pungente...

No começo deste outono, passei do novo pelo mesmo sitio.

A poucos metros da estrada, já aspestada de folhas secas, á porta dum casarão, estava sentada a Joanninha. Mas que mudança! Que era feito daquela linda e forte rapariga, em cujo coração dolorido eu tentara verter algumas gotas de balaço, numa tarde refrescada pela aragem e suavemente embebedrada com as asas brancas do moineiro em movimento? Era agora avulsa, pobre mulher palida e mal vestida, amamentando um pequeno enfermizo e enfezado.

Não a reconheci de pronto e foi ella quem saudou primeiro.

— Boas tardes...

— Ah! a Joanninha! Boas tardes... E então?

— Então... de novo vi as lagrimas tremorem-lhe nos olhos; e como se

continuasse, sem interrupção, as confidencias daquela tarde anterior, a Joanninha narrou-me outro folhetim da sua existencia atribulada.

O seu João voltara, sim; mas voltara doente e queimado de febre periodica. Depois, já não era o mesmo: não tinha forças nem vontade de trabalhar; bebia e jogava pelas tabernas; fizera-se queilento e mau... Batia-lhe. E depois aquela consumição do pequeno, sempre adoeitado, sempre adoeitado...

— E então, pelo serviço feito lá pelas colonias, não deram ao seu homem uma recompensa qualquer?

— A Joanninha sorriu-se levemente: — Ah! lá isso deram: uma medalha... Ainda se fosse do ouro...

O pequenito pôs-se a chorar; e eu despedi-me, confrangido, como depois das primeiras confidencias. E como então, a tarde velou-se de tristeza; e o moineiro, lá em cima, sem velas, imovel, era como o espectro da miseria e da morte.

Neno Vasco.

Linha, Outubro de 1914.

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Mesmo lutando com as tremendas dificuldades que actualmente tornam ruinosas as condições da classe proletaria, proseguem os trabalhos que um nucleo de camaradas está levando á cabo com o fim louvavel de dar vida activa á União Geral dos Trabalhadores, a agremiação recentemente fundada com o intuito de unir fortemente os trabalhadores de S. Paulo.

Além da reunião geral realizada no largo do Riachuelo, da qual já demos noticia, realizou U. G. dos T. dois comicios de propaganda e de protesto contra a prisão de Manoel Campos.

O primeiro foi realizado, conforme os annunciados, no Bom Retiro, no dia 24 de dez passado.

A sua concorrencia foi numerosa. Falaram os camaradas F. de Carvalho e José Romero.

Foi aprovada uma energia movida de protesto contra a violencia que é vítima o companheiro M. Campos.

E com a adesão de um bom numero de socios, encerrou-se a util reunião.

O segundo comicio, que se realizou no domingo passado, no Camboi, não teve tanta concorrencia. Falaram F. de Carvalho em portuguez, e um outro operário de quem não sabemos o nome, em italiano.

Na sua sede provisoria, á rua do Riachuelo, 41, teve lugar na segunda-feira ultima uma assembleia geral, que tomou varias deliberações sobre os trabalhos a executar para o desenvolvimento da sociedade.

Hoje á noite, na sua sede social, realizou-se á uma nova assembleia, sendo convidados a assistir-lhe os trabalhadores em geral.

A U. G. dos T. enviou uma carta aos jornais opondo um formal desmentido ás inverdades da policia sobre o caso M. Campos.

Em homenagem á imparcialidade que a caracterizam, a senhora imprensa de balaço nada disse sobre essa carta. Compreende-se...



O 13 DE OUTUBRO EM BELEM

Apesar das continuadas e miseraveis perseguições exercidas pelas carceres autoridades de Belém da Pará contra o elemento avançado daquela cidade do Norte, os nossos companheiros não perdem occasião para fazer propaganda dos ideais de redenção humana.

Em 13 de outubro, demonstrando que lá ainda ha homens conscientes que não se esquecem do grande crime de Monjuba, realizaram uma sessão de propaganda na sede da União Geral dos Trabalhadores, a ella accorrendo uma numerosa assistência.

A sessão contou de uma palestra sobre a obra de Francisco Ferrer, feita por um admirador da Escola Moderna e de varios recitativos adequados á data que se comemorava.

No final da proveitosa reunião foi constituido o Centro de Estudos Sociais Francisco Ferrer, sendo nomeados respectivamente para seus secretario e bibliotecario os camaradas Aires Pinheiro e Julio Duval.

REFUTANDO

Microcosmo! Ainda não conseguisti apagar da lembrança essas crônicas jesuiticas e arcaicas, escritas pelo exímio gramatista, porém retrógrado sr. Carlos de Laet.

O País, em seu numero de 9 de setembro, traz á baila uma dessas crônicas em que o seu autor nos fala do militarismo alemão, inglês e francez e o papel da religião no conflito europeu.

Depois de procurar justificar toda a monstruosidade do militarismo germanico, chega a dizer: — «Não é, pois, verdade que ao militarismo alemão se possa com excepção aplicar a pécha de haver impedido o desenvolvimento intelectual do povo?»

Causa admiração o sr. C. de Laet querer justificar essa monstruosidade que Guilherme II está cometendo em pleno século XX.

E o sr. P. X. tinha em Francisco José um devoto amigo e, sendo a Alemanha aliada a catolicissima Austria, é preciso defende-la.

Que importam os preceitos divinos: «Não matarás». «Não ambicionarás as coisas alheias», quando é necessario abençoar os agueridos exercitos que deverão anegar o povo serrio ao catolicismo?

Que importa ao Vaticano o sacrificio de milhes de proletarios, quando é preciso vencer a Santa Franca para gloria da Santa Igreja Catolica e que tanta inquietação causou a Pio X?

Eis a razão porque o nosso polemista tanto tem procurado defender o militarismo alemão.

A nós, homens livres, não nos compete defender este ou aquele tirano.

Vemos que a causa deste conflito hediondo, que assola o velho mundo, foi unicamente essa exercitia que para vergonha do século XX se sustentam sob o pretexto de «Paz armada».

E o provocador?

O provocador foi unicamente o espirito católico de Francisco José querendo opprimir miseravelmente o povo serrio. Daí a aliança com a Alemanha e a confederação...

Se a religião católica não instigasse tanto Francisco José para uma vingança ao povo serrio, unicamente por esse povo professar a religião ortodoxa, a conflagração europeia ficaria reservada para outra occasião.

A não ser esse pretexto surgiria outro. A ambição desenfreada dos industrialistas, o aumento progressivo dos exercitos dos países em questão não comportavam por mais tempo esse furor patriótico, que aniquila a Europa e repercute por todo o universo.

Mas viltemos ao «Microcosmo» do nosso antagonista.

Adiante, comparando a liberdade eleitoral da Alemanha com a do Brazil, diz: «Ao passo que na Republica Brasileira nunca logrou ser eleito um só monarquista, nas camaras prussianas ha valentes defensores de ideias que, se viessem a triunfar, mutariam de todo não só a forma do governo, mas o proprio arcabouço da trama o substratum social.» O sr. C. de Laet, se escreve isto em defesa da liberdade eleitoral no Brazil (o que não acreditamos), faz unicamente para ter o prazer de ver governando um monarquista dedicado ao clero. Por que não diz: «Na Republica Brasileira nunca logrou ser eleito um homem de ideias liberais?»

Diz ainda o antagonista que o militarismo alemão não tem concorrido para desconfianças entre as nações, perturbando a serenidade dos espiritos alheios. Numa atmosfera de guerra, pôde a intellectualidade desenvolver-se livremente?

Depois de muito escrever sobre o militarismo e as suas dependencias, diz: — «Unicamente a religião, a sublime religião do Cristo, poderia irradiar os povos e aglomerá-los como fillos, que são dos mesmos pais e herdeiros do sacrificio dos meritos do Divino Martir.

Mas a religião é hostilizada pelos governos setecarios do filosofismo estreito e miopo que proscreve a indagação das causas primeiras e dos ultimos fins».

A Religião Catolica irmanar os povos? Grande farsa! Diz isto é querer negar o seu passado infame, naquelas épocas em que o clero mandava as multidões para guerras sangrentas em recompensa da entrada no paraíso.

Não quer o estólido sr. Carlos de Laet ofuscar o passado da huma-

nidade com o vên hipocrita da Igreja. Procura investigar nas paginas sangrentas da historia da humanidade qual a causa da degenerescencia entre os diversos povos; procura saber com as luzes da Razão o que foi o clero nos seculos passados e encontrará que foi um vordogo do genero humano.

A par e a solidiedade que diz só serem conquistadas pelo cristianismo — nós temos a certeza de que elas só serão conquistadas com a união de todos os povos, quando estes se dispuserem a derrubar esses dois poderes que os vêm dividindo e amealhando-os — religião, personificada no clero; o Estado, personificado nos governantes.

Mais adiante diz o sr. Laet: — «O pretendo militarismo alemão pelo menos não guerreia os crantes d'a sua confissão. Professa altamente o santo nome de Deus. Pratica e ensina o principio de autoridade.»

Sim, o militarismo alemão, como de outras nações, «não guerreia os crantes da sua confissão», labéis por quê? Porque tanta necessidade de manter os exercitos nessas trevas que os mandam obedecer cegamente, sem raciocinar; mandam-nos para as fronteiras degladiarem-se, como antigamente mandavam-nos para as santas cruzadas dizendo que iam defender o dominio de Deus.

«Professa altamente o santo nome de Deus». Esse Deus tem sido a causa de muitos embustes; esse Deus, que, pela boca de seu representante, o papa — santificou todas as usurpações de que tem sido vítimas os povos; esse Deus que abençoou os punhais sangrentos dos tiranos, quando era preciso para manter o seu poderio; esse Deus que sancionou as lutas e fogueiras para os homens livres e para os genios; esse Deus, no dizer do proprio sr. Carlos de Laet, confraterniza-se com os exercitos dos despotas, os quais marcham para a guerra que tem por fim: o aumento da produção, a orfandade, a fome e a negra miséria!

Maccio, 24 — 10 — 914.

Arsema Lauana.

Anti-clericaes!

Libre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRÊPOS

E' necessario fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento.

Onde está Idalina?

Cantiga á viola

Morre a tarde, o orvalho, a planta,
Morre a flor mais opulenta;
Só não morre esta lembrança,
Que nos resta de Idalina!

Descora a dor, a saudade,
E um amor entre nos termina...
Mas não desmor esta drama
Que vitimou Idalina!

Se a aragem passa gemendo,
Com a sua harpa em surdine,
E' por não poder beijar
Idalina, a pobre Idalina!

E você, santo Consol, Não sequer diz pátavias?
Diante do brado justo
Que erguemos contra a batina!...

E o seu covil de tração,
Ante de carnificina,
Aonde foi consumida:
A infeliz Idalina!...

Revolteu-se a terra toda,
Desde a mais erma colina,
E não se achou nem vestigio,
Da inocente menina!

Que mal tu fizeste ao mundo,
Ainda tão pequenina...
Para ser massacrada,
O' indolente Idalina!

Meninas, lá vem um p'dre,
Tal como eve de rapina,
Trazendo um lipo escondido,
Do bixio da batina!...

Fugi do monstro, crianças,
Fugi da corja feline,
Ele tem urras de gato;
Ele te arranha menina!

Fugi da hiena, repito,
Como da hidra assassina!
Que se não tereis a sorte
Idéntica á de Idalina!

Sou do livre pensamento,
Falo com voz levantada,
Eis, abaixo a tirania,
Dos leopoldos de batina!

Manoel José Nascimento.

